

Casa da Côr, (reflexões complementares).

(Reunião no MASP, S. Paulo, 9/2/88)

Em aditamento ao ensaio que escrevi a respeito há alguns mezes, e depois da reunião tida em Robion em 9/1, submito o seguinte: No ensaio acima referido considerei o problema do ponto de vista "côr", mas não do ponto de vista "casa". Ora, nossa tarefa, no estágio atual do projeto, é discutirmos a estrutura comunicológica da nossa empresa. Aprendi, em Robion, que os iniciadores do projeto têm, neste sentido, duas alternativas em mente: casa fixa, e casa flutuante. O que me leva à seguinte consideração teórica a este respeito:

A revolução telemática da qual somos testemunhas consiste, fundamentalmente, na inversão do fluxo das informações, e neste sentido na re-estruturação da sociedade. Eis o fluxo das informações na situação precedente: Informações eram elaboradas no espaço privado, em seguida expostas em praça pública, (eram publicadas), aonde eram recebidas pela sociedade para serem levadas para os respectivos espaços privados, afim de serem armazenadas em memórias, e re-elaboradas em informações novas a serem por sua vez publicadas. Tal fluxo pressupõe distinção mais ou menos nítida entre espaço público e espaço privado, e isto, por sua vez, pressupõe determinada dinâmica da existência humana: o homem oscila entre o privado e o público, e isto é a famosa "dialéctica da consciência" hegeliana. Por certo: tal distinção entre privado e público, (entre economia e política), jamais tem sido clara. O público sempre invadia o privado para policiá-lo, e o privado sempre invadia o público para "corrompê-lo". E, sobretudo: além das memórias privadas, (além dos armazens de informações nos cérebros individuais), havia sempre memórias públicas, (monumentos, museus, bibliotecas). Não obstante: A vida humana era, fundamentalmente, trânsito entre o público enquanto lugar de aquisição de informação e lugar de exposição de informação, e o privado enquanto lugar de armazenamento de informação e de elaboração de informação nova.

A telematização da sociedade, (correio, telefone, radio, TV, computador intercomunicante, em suma telepresença), rompeu tal estrutura tão radicalmente, que os conceitos "privado" e "público" perderam todo significado. O próprio termo "política" exige ser redefinido. Se quisermos não obstante continuar a operar com os conceitos tradicionais, devemos dizer que o espaço público está desaparecendo, por estar sendo recoberto por cabos visíveis e invisíveis que transportam informações, e que o espaço privado está desaparecendo por não mais estar cercado de muros, mas de janelas e portas do tipo "tela" e "tecla". Em outros termos: o privado vai ocupando o público, e o público o privado. Darei como exemplo a tal "casa inteligente". Não se trata apenas de casa que automatiza os trabalhos caseiros, mas sobretudo de casa que armazena automaticamente informações provindas de todos os horizontes, sobretudo de todas as demais casas inteligentes. Em outros termos: informações não mais são elaboradas no privado, mas dialógicamente, não mais são publicadas, mas permutadas, e não mais são armazenadas em memórias individuais ou coletivas, mas em memórias copiáveis. A vida humana não mais é trânsito entre o público e o privado, mas é participação no trânsito das informações contido na rede de cabos visíveis e invisíveis.

Ora, tal revolução telemática é difícil a ser concientizada por duas razões diferentes. A primeira tem a ver com o fato que a nova estrutura comunicológica ainda não se cristalizou, mas está apenas em estágio formativo, (na França sobretudo em Montpellier, Bordeaux e Grenoble, e sob forma dos minitels está invadindo a estrutura precedente). De maneira que ainda não temos experiência quotidiana com a nova forma de vida. A segunda razão tem a ver com o fato que a nova estrutura exige de nós elaboração de todo um novo sistema de valores. Exige que repensemos os valores tidos por privados, (como seja família, propriedade, carreira, fama), e os valores tidos por públicos, (política no mais amplo significado do termo). Como tal desafio é difícil, tendemos a evitá-lo. Mas no caso concreto como o é o nosso projeto, não podemos evitar o desafio. Afinal, não se trata de projetar Casa da Cór para apenas os poucos anos, durante os quais a estrutura comunicológica continuará em vigor como atualmente, mas para além de tal horizonte, para dentro da estrutura emergente.

O que devemos repensar é o termo "casa". Segundo a visão precedente, trata-se de estrutura arquitectónica caracterizada por muros, janelas e portas. Os muros servem para defini-la contra o espaço ambiente, as janelas servem para permitir visão do ambiente, e as portas para permitir entrada do ambiente e saída para o ambiente. Estamos acostumados a distinguirmos entre casas públicas e privadas, e, quanto às casas públicas, distinguimos, grosso modo, entre casas de encontro, (parlamentos), casas de troca, (feiras), casas de memória, (museus) e casas de distribuição, (escolas). Tais categorias podem ser resumidas em duas classes: dialógicas, (parlamento-feira), e discursivas, (museu-escola). A gente sai da casa privada para o parlamento, afim de publicar, e para o museu, afim de levar informação para a casa privada. Imagino que os iniciadores do nosso projeto propõem casa pública que seja síntese entre parlamento e museu. Mas se isto for o caso, estará em contradição com a revolução em curso.

Devemos abandonar o modelo arquitectónico, (muros sustentando telhado), e pensar em termos de relais, (aparelho que regula o fluxo das informações nos cabos). Ora: casa enquanto relais, ("casa inteligente"), é conceito difícil, porque não temos modelo. Há, por certo, desenvolvimentos neste sentido, (por exemplo o centro de pesquisa e distribuição de arte em Villeneuve-les-Avignon), mas a coisa é tão embrional que não permite apoio. Por outro lado há os ditos "work shops" que pululam um pouco em toda parte, (tendo os EEUU. por modelo), e os quais, embora periódicos, tendem a institucionalizar-se. O desafio empolgante que nosso projeto nos propõe é precisamente procurarmos elaborar o conceito "relais" em termos de "casa". Estamos, efectivamente, embarcando em aventura.

Permitam palavra concludente: As informações que transitam atualmente pelos canais tendem a serem codificadas digitalmente, mas tendem, de mais em mais, a serem recebidas sob forma de imagens coloridas. De maneira que a nossa Casa da Cór, se executada com imaginação, pode vir a ser farol da estrutura cultural emergente.